



Humanidades digitais em tempos de crise: resistências, imaginários e formas de coconstrução

E escrevemos esta apresentação em um momento atravessado por convulsões históricas, crises sociais e transformações radicais. Como advertiu Valentin Volóchinov, nesses contextos o signo ideológico se torna um campo de disputa: “Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira” (Volóchinov, 2018, p. 113). Essa observação é fundamental para refletirmos sobre os sentidos atribuídos atualmente às tecnologias digitais, especialmente em relação aos seus papéis social e histórico.

Tecnologias, como a inteligência artificial, são apresentadas, por alguns, como símbolos do progresso: promessas para resolver as mudanças climáticas ou transformar o sistema judicial, a ciência e o jornalismo. Essas visões se baseiam na ideia de que sistemas automatizados seriam mais confiáveis e racionais do que qualquer especialista humano (Katz, 2020; Crawford, 2021, p. 7). No entanto, outras vozes, em muitas esferas acadêmicas, adotam uma postura moral diante da técnica, considerando essas tecnologias inimigas do pensamento reflexivo e argumentando que deveriam manter-se o mais distante possível da reflexão sobre as práticas culturais e o funcionamento das sociedades humanas (Levy, 2010).

Diante dessas duas posições — a fé “tecnosolucionista” e a desconfiança moralista —, os estudos sociais da ciência e da tecnologia propõem uma terceira via, na qual as humanidades desempenham um papel fundamental: compreender como os algoritmos, onipresentes na vida cotidiana, se entrelaçam com práticas, sentidos e imaginários coletivos (Siles, 2023).

Sob essa perspectiva, particularmente influenciada por visões da América Latina (González, 2020) e de Abya Yala (Aguilar, 2020), coloca-se no foco o modo como coletivos humanos e sistemas algorítmicos entram em relações de coconstrução. Não se trata de assumir os algoritmos como forças externas e deterministas, mas de investigar como nossas formas de conhecer, sentir, agir e viver são mediadas por dispositivos digitais, e como essas mediações podem tanto reproduzir quanto subverter relações de poder (Siles, 2023; Ricaurte, 2022).

Nas duas últimas décadas, três grandes correntes enriqueceram esse campo: os estudos digitais raciais críticos, o feminismo de dados e os estudos do colonialismo digital. Longe de serem



excludentes, essas abordagens se entrelaçam em um mapa teórico essencial para pensar o mundo digital a partir da América Latina, que considere sua história colonial e pós-colonial.

Dentro dessas vertentes, identificamos dois grandes eixos estruturais que gostaríamos de mapear, ainda que de forma esquemática. O primeiro reúne uma série de estudos que analisam como as tecnologias reproduzem formas históricas de dominação por meio do capitalismo de plataformas, da vigilância massiva, do extrativismo de dados e da violência epistêmica (Zuboff, 2019; Benjamin, 2020; Noble, 2018; Ricaurte e Zasso, 2022). Essas perspectivas examinam como as tecnologias inscrevem, reproduzem e amplificam desigualdades preexistentes nas sociedades, perpetuando formas de opressão. Argumenta-se que as tecnologias são concebidas com base em ideologias raciais, coloniais e de gênero que permeiam seu desenvolvimento (Benjamin, 2020; Noble, 2018; Ricaurte, 2022; D’Ignazio e Klein; Couldry e Mejias, 2019; Silva, 2024). Essa vertente resulta crucial para evidenciar o papel do colonialismo digital na reprodução dos ambientes digitais, da vigilância massiva, do extrativismo e da dependência epistêmica e tecnológica dos países do Sul (Ricaurte, 2022; Ricaurte e Zasso, 2022). Esse processo é compreendido tanto em nível coletivo quanto subjetivo, revelando como as formas algorítmicas de ser, conhecer, sentir, fazer e viver geram uma consciência colonizada, em que a produção da subjetividade está intrinsecamente vinculada a dispositivos digitais e sua lógica privatizada, exteriorizada, sujeita à autovigilância e à visibilidade (Ricaurte, 2022; Bruno, Bentes, Faltay, 2019).

Paralelamente, fortaleceu-se um segundo eixo estrutural que enfatiza práticas comunitárias e criativas desde o Sul Global: ativismos digitais, pedagogias alternativas, linguagens híbridas e apropriações culturais que configuram o que Siles, Gómez-Cruz e Ricaurte (2024) denominam “culturas algorítmicas populares”. Essa abordagem não vitimiza, mas torna visíveis resistências, tensões e heterogeneidades em comunidades capazes de reinventar sua relação com a tecnologia. Esse eixo destaca a importância de considerar as práticas, teorias, saberes e experiências das comunidades latino-americanas (Silva, 2024; Siles, 2023). Aqui, a investigação sobre formas de ativismo digital e ativismo de dados é central, materializando-se em práticas e experiências capazes de desafiar e subverter as hierarquias raciais, coloniais e de gênero impostas pelas plataformas (D’Ignazio e Klein, 2019; Neves Barros, Silva, 2023; Méndez, 2020; Josiowicz, Méndez, 2024). Os estudos evitam narrativas homogêneas ou centradas no déficit das comunidades que enfrentam exclusão e opressão e, em vez disso, evidenciam as tensões, multiplicidades e heterogeneidades que as caracterizam (Ricaurte, Zasso, 2022). Essas investigações apontam para uma agenda crucial: analisar como as comunidades latino-americanas geram sentidos por meio de suas apropriações das tecnologias (Siles, Gómez-Cruz e Ricaurte, 2024). Diante disso, propõem uma perspectiva decolonial que recupera genealogias de saberes e práticas feministas, antirracistas e populares, que resistem ao design excludente das infraestruturas digitais. Essas dinâmicas consideram a especificidade histórica e cultural da região na interação entre algoritmos e cultura. Além disso, pesquisadoras e pesquisadores reivindicam a centralidade do pensamento social latino-americano e feminista na teorização sobre os ambientes sociotécnicos, nomeando teóricas e teóricos e reconstruindo genealogias antirracistas (Barros, 2023; Rodrigues, Josiowicz, no prelo; Aguilar, 2020).



É nessa linha que se insere o dossiê “Humanidades Digitais e Ciência de Dados a partir do Sul: perspectivas interdisciplinares sobre inclusão, poder e tecnologia”, que reúne pesquisas situadas, multilíngues e interdisciplinares. As contribuições exploram temas, como desigualdades na ciência, vieses algorítmicos, escritas ativistas, discursos de ódio, interfaces digitais, políticas linguísticas e memórias coloniais em hemerotecas. Todas compartilham uma sensibilidade crítica e um compromisso ético com o Sul Global. A partir de diversas disciplinas e perspectivas, os artigos aqui reunidos mostram como as tecnologias digitais podem reproduzir hierarquias sociais, mas também abrir fissuras que nos permitam imaginar futuros mais justos e plurais.

Virgínea Novack Santos da Rocha e Vanessa Rodrigues Barcelos apresentam “Do Norte ao Sul Global: um panorama das humanidades digitais no Brasil”, no qual traçam um percurso do desenvolvimento desse campo em diálogo com perspectivas globais, especialmente as decoloniais. A reflexão aponta para a construção de estratégias próprias, para fortalecer o crescimento contextualizado das humanidades digitais no Brasil.

Em “Mujeres, redes sociales y discursos digitales desde las geopolíticas del Sur” (“Mulheres, redes sociais e discursos digitais nas geopolíticas do Sul”), Ana Sofía Pabón Chaves e Luciana Patricia Zucco analisam a relação entre mulheres, redes sociais e processos de digitalização de uma perspectiva do Sul Global. Por meio de uma revisão de abordagens feministas, ciberfeministas, decoloniais e neomaterialistas, as autoras mostram como a escrita digital se torna uma estratégia ética e política para interpelar o poder.

Michelle Gomes Alonso Dominguez, em seu artigo “Assimetrias, apagamentos e inversão: das relações de agir, saber e poder entre o ‘usuário’ e a ‘máquina’”, examina as interações entre pessoas usuárias e tecnologias digitais contemporâneas. A partir de uma perspectiva multidisciplinar, identifica as assimetrias e os mecanismos ideológicos que reforçam relações de dominação por meio de infraestruturas e discursos tecnológicos.

Em “Interacción humanx-chatbot: estudio exploratorio sobre variedades lingüísticas, acomodación y desigualdad” (“Interação humanx-chatbot: estudo exploratório sobre variedades linguísticas, acomodação e desigualdade”), Paula Salerno e Milagros Vilar investigam como agentes conversacionais, como ChatGPT e Gemini, respondem a diferentes variedades do espanhol. A partir de uma abordagem sociolinguística, o artigo revela que esses sistemas reproduzem desigualdades e promovem uma visão homogeneizante da linguagem.

O artigo “Reflexiones sobre las asimetrías de género en la ciencia. ¿Qué aprendizajes dejan las experiencias de las mujeres en las ciencias físicas en México?” (“Reflexões sobre as assimetrias de gênero na ciência. Que aprendizados deixam as experiências das mulheres nas ciências físicas no México?”), de Liliana Ramírez Ruiz, aborda as desigualdades de gênero enfrentadas por cientistas mulheres no México. A partir de uma pesquisa etnográfica na UNAM, a autora visibiliza experiências de discriminação e destaca a sensibilidade como uma via legítima de observação na ciência.

Em “O discurso de ódio direcionado à identidade docente: uma análise semiolinguística da página ‘Escola sem Partido’ no Instagram”, Ana Carolina dos Santos e Ilana da Silva Rebello exploram como se constroem discursos de ódio em redes sociais contra docentes brasileirxs. Utilizando a teoria semiolinguística de Charaudeau, o artigo revela os mecanismos de deslegitimação da figura docente no espaço digital.



Eric Brasil Nepomuceno, em seu trabalho “Interfaces de hemerotecas digitais em português: análise crítica e desafios para o desenvolvimento de uma nova geração de arquivos históricos”, analisa três plataformas digitais do ponto de vista do *design* de interface, acessibilidade e funcionalidade. Propõe avançar rumo a “hemerotecas digitais 2.0” que facilitem uma pesquisa histórica mais inovadora e acessível.

A entrevista com Stefania Cavagnoli e Francesca Dragotto complementa esse conjunto de contribuições, ao oferecer uma reflexão profunda e situada sobre o sexismo na academia, a linguagem e a produção do conhecimento. A partir de seu livro *Sessismo* (Mondadori Education), as autoras dialogam sobre as tensões entre ativismo e legitimidade acadêmica, o lugar das mulheres na pesquisa, o papel da inteligência artificial e a importância de construir novas narrativas sob uma perspectiva feminista. Sua conversa, entre o pessoal, o político e o epistêmico, ilumina os vínculos entre escrita, poder e transformação, e ressalta a necessidade de uma abordagem colaborativa para imaginar futuros mais justos.

Por fim, “Humanidades digitais na América Latina: linguagens, metodologias e práticas de análise”, resenhado por Ana Cristina Andrade dos Santos e Milene Santos Couto, oferece uma visão ampla sobre o potencial articulador entre tecnologias digitais e humanidades. Editado por Alejandra Josiowicz e Naira de Almeida Velozo, o volume reúne catorze capítulos que abordam desde enfoques metodológicos até práticas pedagógicas e analíticas em uma perspectiva latino-americana.

Este número especial da *Matraga* interroga a necessidade urgente de pensar as tecnologias a partir do Sul Global, não como dispositivos neutros, mas como construções sociotécnicas impregnadas de ideologias, memórias coloniais e disputas simbólicas. As contribuições reunidas neste dossiê encarnam esse olhar crítico, ao oferecer diagnósticos profundos sobre os efeitos da digitalização da vida e, ao mesmo tempo, propor caminhos de resistência e reconfiguração a partir de práticas sociotécnicas localizadas, feminismos decoloniais e humanidades digitais comprometidas com a justiça epistêmica. Longe de se deterem na denúncia, os trabalhos aqui apresentados abrem horizontes possíveis, propondo narrativas alternativas que reconhecem e fortalecem a agência coletiva de comunidades historicamente silenciadas na transformação da cultura digital. Assim, este dossiê não apenas documenta desigualdades, mas também se posiciona como uma aposta política, ética e metodológica para imaginar futuros tecnológicos mais plurais, inclusivos e situados.

Alejandra Josiowicz e Genoveva Vargas-Solar

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Y. **A Modest Proposal to Save the World**. The Rest of World. 09 dez. 2020. Disponível em: <<https://restofworld.org/2020/saving-the-world-through-tequiology/>>. Acesso em 17/11/2024.

BARROS, Z. Prefácio Griôs e Tecnologias. In: NEVES BARROS, T.; SILVA, T. (orgs.) **Griots e tecnologias digitais**. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados - IBPAD: Desvelar, 2023. Dispo-



nível em: <<https://desvelar.org/wp-content/uploads/2023/11/Griots-e-Tecnologias-Digitais.pdf>>. Acesso em: 11/04/2025.

BENJAMIN, Ruha. Retomando nosso fôlego: Estudos de Ciência e Tecnologia, Teoria Racial Crítica e a imaginação carcerária. In: SILVA, Tarcízio (org.) **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares afro-diaspóricos**. São Paulo: LiteraRUA, 2020.

BRUNO, F.; CARDOSO, B.; KANASHIRO, M.; GUILHON, L.; MELGAÇO, L. **Tecnopolíticas da vigilância: Perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F.; FALTAY, P. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Revista FAMECOS**, 26(3), e33095, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.3.33095>>.

COULDRY, Nick; MEJIAS; Ulises A. **The Cost of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism**. Stanford: Stanford University Press, 2019.

CRAWFORD, K. **The Atlas of AI: Power, Politics, and the Planetary Costs of Artificial Intelligence**. Yale University Press, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/j.ctv1ghv45t>>.

D'ANDREA, C. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

DEUSDARÁ, B.; JOSIOWICZ, A. Uma abordagem discursiva para o campo das humanidades digitais. In: DEUSDARÁ, B.; JOSIOWICZ, A.; ALONSO, M. (Eds.) **Discurso e Humanidades digitais: perspectivas interseccionais em debate**, São Paulo: Ed. Mercado das Letras, no prelo.

D'IGNAZIO, C.; Klein, L. **Data Feminism**. Cambridge: MIT Press, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KATZ, Y. **Artificial Whiteness: Politics and Ideology in Artificial Intelligence**, New York, NY, USA: Columbia Univ. Press, p. 352, 2020.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 2010.

NEVES BARROS, T.; SILVA, T. (orgs.). **Griots e tecnologias digitais**. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados - IBPAD: Desvelar, 2023. Disponível em: <<https://desvelar.org/wp-content/uploads/2023/11/Griots-e-Tecnologias-Digitais.pdf>>. Acesso em 11/04/2025.

NOBLE, S. U. **Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism**. New York: NYU Press, 2018.

PERES OSORIO, A. et al. (org.) **Desinformação, o mal do século: o futuro da democracia: inteligência artificial e direitos fundamentais**. Brasília: Supremo Tribunal Federal: Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2024. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/desinformacao>>. Acesso em 11/04/2025.

RICAURTE, P. Ethics for the majority world: AI and the question of violence at scale. **Media, Culture & Society**, 44(4), 726–745, 2022.

RICAURTE, P.; ZASSO, M. (Eds.). **Inteligencia Artificial Feminista: Hacia una agenda de investigación en America Latina y el Caribe**. Costa Rica: Editorial Tecnológica de Costa Rica, 2022.

RODRIGUES, F. F. X.; JOSIOWICZ, A. Da amefricanidade nos discursos literários negros: perspectivas cartográficas em torno dos tecnodiscursos sobre Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus. **Revista Bakhtiniana**, no prelo.



SILES, I. **Living with algorithms**: agency and user culture in Costa Rica. Cambridge: MIT Press, 2023.

SILES, Ignacio; GÓMEZ-CRUZ, Edgar; RICAURTE, Paola. Rumo a uma teoria popular de algoritmos. **Revista Mídia e Cotidiano**, n. 18. p. 87-108, 2024. 10.22409/rmc.v18i2.63057.

SILVA, T. Papagaios Estocásticos: A Revanche da Epistemologia da Ignorância. *In*: SILVA, Tarcizio (org.). **Inteligência Artificial Generativa**: discriminação e impactos sociais. *Online*: Desvelar. Disponível em: <<https://desvelar.org/>>. 2024.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; WALL, M. **The Platform Society**: public values in a connective world. London: Oxford Press, 2018.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. 2nd ed. São Paulo: Ed. 34, 2018.